

Resumos / Abstracts

Universidade da Madeira (Campus Universitário da Penteada)

I COLÓQUIO
INTERNACIONAL
“(DES)MEMÓRIA DE
DESASTRE”

I INTERNATIONAL
CONFERENCE
“(DIS)MEMORY OF
DISASTER”

Ana Moura Arroz¹, Isabel Estrela Rego², Paulo Silva³ & Isabel Cunha Neves³

“Planos de emergência familiar: estratégias de empowerment para uma cultura de precaução em risco sísmico”

¹ Azorean Biodiversity Group (GBA, CITA-A) and Platform for Enhancing Ecological Research & Sustainability (PEERS), Universidade dos Açores, Dep. Ciências da Educação, Angra do Heroísmo, Portugal.

² CIBIO, Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, InBio Laboratório Associado, Pólo dos Açores, Universidade dos Açores, Dep. Ciências da Educação, Ponta Delgada, Portugal.

³ Azorean Biodiversity Group (GBA, CITA-A) and Platform for Enhancing Ecological Research & Sustainability (PEERS), Universidade dos Açores, Dep. Ciências da Educação, Angra do Heroísmo, Portugal.

RESUMO/ABSTRACT

Exploradas, em trabalhos anteriores, as perceções do risco de açorianos associadas a fenómenos sísmicos, constatou-se que apesar dos sismos serem percebidos como os desastres naturais mais graves no contexto local, não se observam práticas de precaução generalizadas. Por regra, os cidadãos não adotam medidas de prevenção e de socialização dos mais novos que melhor os habilitem a lidar com este tipo de situações. Esta inércia, partilhada por diferentes contextos geográficos e culturais, pode ser explicada como mecanismos tanto de evitamento, quanto de "adaptação" que os indivíduos manifestam quando vivem prolongadamente em circunstâncias de ameaça. Nesta comunicação são descritos os resultados preliminares de uma pesquisa participativa em curso que visa caracterizar as práticas de prevenção sísmica de famílias açorianas com dependentes a cargo e promover a sua capacitação e autonomia nesta matéria. Concretamente, pretende-se saber se estas possuem planos de emergência, conhecer as suas características e analisar as dinâmicas envolvidas na sua conceção e desenvolvimento. Foram entrevistadas 18 famílias terceirenses a quem solicitámos a construção de um plano de emergência familiar, quando este era inexistente. Numa segunda entrevista foram discutidos os planos resultantes e as dinâmicas familiares envolvidas na sua construção. Os resultados evidenciam que, por mais diversos que sejam os enquadramentos familiares em termos sociográficos e em experiência sísmica prévia poucos desenvolvem planos de emergência por mais precários que sejam. E mesmo, perante o repto lançado, os planos familiares mostraram-se muito insipientes.